

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 7, Número 1, Jan.-Jun., 2018

## AS NEGATIVAS PÓS-VERBAIS E AS NEGATIVAS DUPLAS NO FALAR DE FORTALEZA-CE: UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA



## THE POST-VERBAL NEGATIVES AND DOUBLE NEGATIVES IN THE SPEECH OF FORTALEZA-EC: A SOCIOLINGUISTIC PHOTOGRAPH

Jéssica Coêlho Franklin dos Santos  
UECE, Brasil

Aluiza Alves de Araújo  
UECE, Brasil

Maria Lidiane de Sousa Pereira  
UECE, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 25/09/2017 • APROVADO EM 26/06/2018

---

### Abstract

---

This work approaches the use of sentential negatives, specifically, the innovative, *double negative* and *post-verbal* variants, in the Fortaleza-CE speech. The objective is to verify which variant is most productive in our sample and also to analyze which linguistic and/or extralinguistic factors positively influence (or not) the use of the post-verbal negative. For this, we use the theoretical-

methodological contribution of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008). The sample analyzed in this study consists of 53 informants from the database of the Norma Oral Project of the Popular Portuguese of Fortaleza (NORPOFOR). The results indicate that *double negatives* tend to be more used (70.6%) than the *post-verbal negatives* (29.4%). Positive verbal negatives were chosen in the following order of relevance: *type of subject* (non-existent and implicit), *type of sentence* (subordinate and coordinated), *other negative terms* (presence), *type of phrase* (response and question), *gender* (male), *schooling* (9 to 11 years) and *structure of the verb* (simple).

---

## Resumo

---

Este trabalho aborda o uso das negativas sentenciais, especificamente, as variantes inovadoras, *negativas duplas* e *pós-verbais*, no falar de Fortaleza – CE. O objetivo é verificar qual variante é mais produtiva na nossa amostra e também analisar quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos influenciam positivamente (ou não) o uso da negativa pós-verbal. Para isso, servimo-nos do aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008). A amostra analisada, neste estudo, é constituída por 53 informantes oriundos do banco de dados do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Os resultados indicam que as *negativas duplas* tendem a ser mais usadas (70,6%) do que as negativas *pós-verbais* (29,4%). Foram eleitos como fatores favorecedores das *negativas pós-verbais*, na seguinte ordem de relevância: *tipo de sujeito* (inexistente e implícito), *tipo de oração* (subordinada e coordenada), *outros termos negativos* (presença), *tipo de frase* (resposta e pergunta), *sexo* (masculino), *escolaridade* (9 a 11 anos) e *estrutura do verbo* (simples).

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Variation Analysis. Sentential Negatives. Innovative Variants. speech Fortaleza.

**PALAVRAS CHAVE:** Análise Variacionista. Negativas Sentenciais. Variantes Inovadoras. Falar de Fortaleza.

---

## Texto integral

---

### INTRODUÇÃO

À luz da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), este trabalho investiga a variação no uso das negativas sentenciais no falar de Fortaleza – CE. Em linhas gerais, o Português Brasileiro (PB) apresenta, atualmente, três estratégias de negação sentencial, a saber:

#### (NEG. 1) Negação pré-verbal (NEG + V)<sup>1</sup>

Essa sentença consiste em ter o operador de negação anterior ao verbo. É conhecida na literatura por negação canônica:

(01) *não era um problema* [...] (Inq. 04<sup>2</sup> - NORPOFOR).

### **(NEG.2) Negação dupla (NEG. + V + NEG.)**

A negação dupla é conhecida como variante inovadora e se apresenta com dois operadores de negação: um anterior e outro posterior ao verbo:

(02) [...] *não tou mal satisfeito não* [...] (Inq. 52 - NORPOFOR)

### **(NEG.3) Negação pós-verbal (V+NEG.)**

A negação pós-verbal é outra variante inovadora que se caracteriza por apresentar o operador de negação posterior ao verbo:

(03) [...] *presta não má...* [...] (Inq. 153)

Embora reconheçamos a existência dessas três possibilidades de negação no PB, optamos por observar, neste trabalho, apenas as variantes inovadoras, ou seja, a *dupla negação* e a *negação pós-verbal*. Nosso objetivo maior é analisar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o uso das negativas *pós-verbais* em coocorrência com as *negativas duplas*.

Para tanto, selecionamos uma amostra de fala constituída por 53 informantes, extraídos dos inquéritos do tipo Diálogo entre Dois Informantes (D2), disponíveis no acervo sonoro do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR)<sup>3</sup>. A partir disso, testamos a atuação tanto de fatores linguísticos (a: *tipo de oração*; b: *estrutura do verbo*; c: *tipo de verbo*; d: *tempo verbal*; e: *tipo de sujeito*; f: *tipo de frase* e g: *outros termos negativos*) como extralinguísticos (a: *sexo*; b: *faixa etária* e c: *escolaridade*) sobre o uso das *negativas pós-verbal* em coocorrência com as *negativas duplas*. Ao longo deste estudo, fomos guiadas também por algumas hipóteses, apresentadas a seguir:

(i) o uso das *negativas duplas* tende a ser maior do que as *negativas pós-verbais* na amostra de fala usada neste estudo;

(ii) as *negativas pós-verbais* acontecem em contexto de orações coordenadas;

(iii) as perífrases verbais favorecem o uso das *negativas duplas*;

(iv) os verbos que exprimem *ação/movimento/processo/evento* beneficiam o uso das *negativas duplas*;

(v) o tempo passado será o mais favorecedor para as *negativas duplas* e o tempo presente para as *negativas pós-verbais*;

(vi) o sujeito explícito oferece contexto favorável ao surgimento das *negativas duplas*;

(vii) o contexto das respostas às perguntas favorece o uso de *negativas duplas*;

(viii) a presença de outros termos negativos favorece o uso das *negativas duplas*;

(ix) quanto menor for o grau de escolaridade, maior será o uso de *negativas duplas*;

(x) as *negativas duplas* ocorrem, significativamente, em falantes mais jovens;

(xi) acreditamos que os homens usem, em número maior, as *negativas duplas*.

Acreditamos que a realização deste trabalho é de suma importância para a descrição do uso das *negativas* no atual PB, pois até o término desta pesquisa, não tomamos conhecimento de nenhum estudo variacionista sobre o comportamento variável das *negativas duplas* e *pós-verbal* na capital cearense, que tenha sido realizado com base em dados extraídos do NORPOFOR. Também verificamos a inexistência de outra pesquisa variacionista sobre as *negativas* sentenciais que tenha trabalhado com dados do tipo D2. Neste sentido, acreditamos que estamos contribuindo com o preenchimento de tais lacunas.

Além desta introdução e das considerações finais, este trabalho é composto por quatro seções. Assim, na primeira seção, discutimos alguns dos principais pontos que marcam a compreensão das *negativas* à luz de outros estudos variacionistas. Na segunda seção, delineamos os procedimentos metodológicos percorridos. Já na terceira seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos com as análises dos dados.

## **AS NEGATIVAS NO PB SOB O VIÉS VARIACIONISTA**

Na perspectiva variacionista, sobre a variação das *negativas* sentenciais, encontramos as pesquisas de Roncarati (1997), Alkmim (2001), Souza e Lucchesi (2004), Soares (2009), Santana e Nascimento (2011), Seixas, Alkmim e Chaves (2012), Reimann e Yacovenco (2012), Rocha (2013), Nunes (2014) e Nascimento (2014).

Esses trabalhos foram realizados, em sua maioria, nas regiões Sudeste (RONCARATI, 1997; SOARES, 2009; REIMANN; YACOVENCO, 2012; ROCHA, 2013; NUNES, 2014; NASCIMENTO, 2014 e NUNES, 2014) e Nordeste (SOUZA; LUCCHESI, 2004; SEIXAS; ALKMIM; CHAVES, 2012 e SANTANA; NASCIMENTO, 2011), confirmando que as demais regiões carecem de pesquisas acerca desse fenômeno.

Roncarati (1997) utilizou uma amostra do Banco de Dados Internacionais da cidade do Rio de Janeiro, constituído por gravações de fala espontâneas colhidas entre os anos de 1989 e 1991, e escreveu sobre os ciclos aquisitivos da negação. Seu trabalho foi realizado a partir de duas perspectivas: no português L1, ela investigou cadeias de evolução da negação no PB e seu uso no português hodierno; no português L2, a autora pesquisou os ciclos de aquisição da negação no contexto de língua em contato, em que o português figura como uma segunda língua em processo de aquisição pelos índios da Região do Alto Xingu. É na primeira perspectiva que iremos concentrar nossa atenção.

Em um total de 2.505 construções negativas, as variáveis selecionadas como relevantes para a pesquisa foram: *tipo de oração, presença/ausência de quantificador ou advérbio negativo, presença/ausência de sujeito na oração, contiguidade entre partícula não e o verbo, perífrase e não perífrase verbal, faixa etária, escolaridade e etnia*. As rodadas realizadas foram as seguintes: negativa dupla *versus* negativa pré-verbal e negativa pós-verbal *versus* Item+negativa pré-verbal em que esse item pode ser um quantificador/advérbio negativo, ou a conjunção *nem* e a preposição *sem*.

Souza e Lucchesi (2004) estudaram a variação linguística nas estruturas de negação na comunidade rural afro-brasileira de Helvécia- BA a partir do projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia e de Sergipe que analisa as diversas variedades do português rural e utilizaram a hipótese da relevância do contato entre as línguas da África e a de Portugal. A amostra recolhida é do ano de 1994 e conta com falantes de três faixas etárias: faixa 1 (20 a 40 anos); faixa 2 (41 a 60 anos) e faixa 3 (mais de 60 anos). Dos fatores analisados, foram selecionados para a análise das negativas duplas *versus* negativas pós-verbais, as seguintes variáveis: *tipo de oração, tipo de frase, tipo de complemento pós-verbal, sexo<sup>4</sup> e faixa etária*.

Segundo os autores, dos seis tipos de oração controlados (absoluta (.58)<sup>5</sup>, substantiva (.58), principal (.39), coordenada (.33), relativa (.32) e adverbial (.18)), a oração absoluta e subordinada substantiva foram as que mais condicionaram o uso das negativas duplas e pós-verbais. Para o tipo de frase (resposta *yes/no* (.69), pergunta (.52), não-resposta (.36)), os autores viram que resposta à pergunta direta favorece às negativas duplas e pós-verbais. Em relação ao complemento pós-verbal (não-realizado (.57), inexistente (.44) e realizado (.46)), os autores constataram que quando o verbo é intransitivo ou transitivo ou tem seu complemento não-realizado, há maior ocorrência de negativas duplas e pós-verbais.

Soares (2009) investigou a negação no contato entre dialetos (cearense e carioca) no PB, utilizando como aporte teórico a Teoria da Acomodação Dialetal, Teoria Sociolinguística e Teoria das Redes Sociais. As variáveis selecionadas foram: *tipo de sujeito, tipo de complemento verbal, traço propulsor, traço propulsor e tipo de sujeito, traço propulsor e tipo de complemento verbal, traço propulsor, tipo de sujeito e tipo de complemento verbal, tipo de oração, realização fonética do “não” pré-verbal, gênero, escolaridade, idade*.

Seixas, Alkmim e Chaves (2012) abordaram as construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga (MG). O *corpus*, constituído por transcrições de entrevistas sociolinguísticas realizadas em localidades que

pertenciam a este município, possui 30 entrevistas, cada uma com duração de 30 minutos, com 15 informantes homens e 15 mulheres, divididos em três faixas etárias: a) jovens- 6 a 24 anos; b) medianos- de 25 a 59 anos e c) Idosos- acima de 60 anos, sendo estas as variáveis levadas em conta na análise.

Foram computadas 2.605 construções negativas, sendo 1.505 de negativas pré-verbais, 1.021 negativas duplas e 79 ocorrências de negativas pós-verbais. Em relação à *faixa etária*, a forma canônica aparece com peso relativo .52 nos idosos e medianos e .39, nos jovens, o que nos faz afirmar que ainda é utilizada pelos mais velhos. A negativa dupla aparece em maior quantidade entre os jovens (.60) e em menor quantidade entre os idosos (.48). As autoras apontam que tal desempenho se assemelha ao perfil de “mudança em progresso”. A construção pós-verbal também apresenta maior incidência entre os jovens (.76), já entre os falantes medianos (.48) e idosos (.39), há desfavorecimento da regra, sendo que as autoras também apontam “mudança em progresso” para esse caso. No que concerne ao *sexo* do informante, as autoras viram que o peso relativo do sexo masculino foi .50 e .47 para o sexo feminino, o que as levou a considerar que esse fator pode não ser condicionante para essa análise.

Reimann e Yacovenco (2012) descreveram as construções negativas sentenciais do português falado em Vitória (ES), objetivando traçar uma identidade linguística capixaba com base no *corpus* PORTVIX. Após a submissão dos dados ao Goldvarb X, as autoras chegaram aos seguintes resultados: do total de 979 ocorrências, 721 são da forma pré-verbal, 216 da dupla negação e 42 da pós-verbal. Foram selecionadas as variáveis: *estrutura da sentença*, *gênero* e *faixa etária* como relevantes para a aplicação das variantes analisadas em uma amostra composta por oito informantes. Foi feita a rodada negação pré-verbal *versus* a dupla negação amalgamada à negação pós-verbal.

A variável estrutura da sentença se destacou como a que mais favorece a variante pré-verbal. Observou-se que as respostas (0.74) atuam mais no uso da negação dupla ou pós-verbal. O segundo fator selecionado pelo programa foi a variável gênero que apresentou os homens (0.59) como os que mais utilizam a dupla negação amalgamada à negação pós-verbal. Os jovens de 15 a 25 anos (0.55) aplicaram mais a variante inovadora. Para as autoras, o uso da dupla negação se mostrou significativo no falar capixaba e concluíram que o fenômeno merece ser estudado no *corpus* inteiro, que é composto por 18 informantes.

Santana e Nascimento (2011) investigaram as negativas sentenciais a partir do vernáculo de Matinha, comunidade rural do município de Feira de Santana, na Bahia. Foram selecionadas, pelo Goldvarb X, as seguintes variáveis linguísticas para a rodada negativa dupla *versus* negativa pré-verbal: *tipo de oração* (absoluta, principal, subordinada e coordenada); *tipo de verbo* (ação/movimento/processo/evento, estativo e cognitivo) e *tipo de sujeito* (1ª, 2ª e 3ª pessoas e uso de TV). Aqui, foram evidenciadas 530 ocorrências, sendo 413 (78%) pré-verbal e 117 (20%) para a variante dupla negação.

Quanto ao tipo de oração, o contexto oracional que mais favorece o uso da dupla negativa é a oração absoluta (0.67). Para o tipo de verbo, ficou constatado que

aqueles que possuem uma carga semântico-lexical de ação/movimento/processo/evento (0.58) são mais propícios para a utilização da dupla negação. A 2ª pessoa do sujeito (0.94) foi o contexto que mais favoreceu a ocorrência da dupla negação. Para a variável social, os autores constataram que o uso da dupla negação se configura entre os falantes que pouco ou raramente assistem televisão (.70), enquanto o contexto de falantes que sempre (.41) assistem à TV foi desfavorecedor à regra.

Rocha (2013) descreveu o emprego variável de estruturas de negação na comunidade de fala paulistana, dando foco maior às negativas duplas. Os dados da pesquisa foram extraídos de 48 entrevistas sociolinguísticas com paulistanos, estratificados segundo sexo, faixa etária e escolaridade. O autor constatou que as negativas duplas foram usadas poucas vezes e foram favorecidas em um contexto em que os informantes possuíam baixa escolaridade e pertenciam à 1ª geração na cidade de São Paulo. Em outras análises, Rocha (2013) viu que as negativas duplas eram favorecidas em informantes que viviam em bairros mais periféricos e afirmou que a variável sexo foi selecionada como irrelevante, pois não apresentou indícios de mudança em curso. Os fatores selecionados como relevantes foram: *ativação direta de proposições* (.73), *presença de marcadores conversacionais* (.53) ou de *outros termos negativos na sentença* (.53).

Nunes (2014) estudou a variação linguística na estrutura de negação utilizada por falantes do Rio de Janeiro e analisou as variantes: negação pré-verbal, a negação dupla e a negação pós-verbal, com base no *corpus* carioca PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). Para tanto, a pesquisadora escolheu oito subamostras, distribuídas em duas faixas etárias (15 a 25 anos e 26 a 50 anos), gênero (masculino e feminino) e grau de escolaridade (5 a 8 anos e 9 a 11 anos), sendo estes os grupos de fatores extralinguísticos considerados, juntamente com as variáveis linguísticas: sujeito (1ª, 2ª e 3ª pessoas) e tempo verbal (presente, passado e futuro). A autora deixou claro que não utilizou nenhum programa estatístico para a pesquisa.

A pesquisadora catalogou todas as ocorrências e chegou aos seguintes resultados: as negativas pré-verbais (616/73,1%) apareceram em primeiro lugar, as negativas duplas (214/ 25,4%) despontaram logo em seguida e as negativas pós-verbais (13/1,5%) apareceram em menor número, o que a levou a afirmar havia a predominância da forma canônica na amostra selecionada. Nunes (2014) também levou em consideração a forma *num* e notou o aparecimento do ninguém que pode ser considerado um quantificador negativo. Em relação a primeira pessoa do sujeito, viu-se a ocorrência de 349 negativas pré-verbais (56,6%), 148 negativas duplas (69,2%) e 8 negativas pós-verbais (61,5%). Para a 2ª pessoa, não foi registrada ocorrência de nenhuma das variantes em questão; e, para a 3ª pessoa, foram 267 negativas pré-verbais (43,4%), 66 negativas duplas (30,8%) e 5 negativas pós-verbais (38,5%). Vimos aqui que a ausência de ocorrências nas negativas duplas nos leva a crer que a não utilização recorrente desta pessoa pelo falante contribui para o baixo uso da variante em questão.

No tocante ao *tempo verbal*, Nunes (2014) verificou que, para o passado, as negativas pré-verbais (141/22,9%) ocorreram, em sua maioria, seguidas das negativas duplas (36/16,8%) e negativas pós-verbais (4/30,8%), bem como para o presente a mesma ordem: negativas pré-verbais (475/ 77,1%), negativas duplas (178/83,2%) e negativas pós-verbais (9/69,2%) e, quanto ao futuro, não houve ocorrências. Aqui, podemos observar que o tempo presente predominou, sendo que a não ocorrência do tempo futuro nos levou a buscar questões que podem dar conta de respostas para este não aparecimento.

Em relação ao *sexo*, foram coletados, para o gênero masculino, 264 dados de negativas pré-verbais (69,3%), 109 negativas duplas (28,6%) e 8 negativas pós-verbais (2,1%). Para o sexo feminino, foram encontradas 352 negativas pré-verbais (76,2%), 105 negativas duplas (22,7%) e 5 negativas pós-verbais (1,1%). A autora observou que os dados apontam para o que as investigações labovianas diziam a respeito das mulheres: que elas tendem a utilizar mais as formas conservadoras do que os homens.

Para a *faixa etária*, vimos que, entre 15 a 25 anos, a ordem de ocorrências foi: negativas pré-verbais (235/66,4%), negativas duplas (116/32,8%) e negativas pós-verbais (3/ 0,8%). Na faixa etária de 26 a 50 anos, encontramos: negativas pré-verbais (381/ 77,9%), negativas duplas (98/20%) e negativas pós-verbais (10/2,1%). Para a autora, a hipótese de que as variantes inovadoras são mais utilizadas por falantes mais jovens está parcialmente confirmada, visto que as negativas pós-verbais só apareceram três vezes na faixa etária de 15 a 25 anos.

Em relação ao *grau de escolaridade* de 5 a 8 anos, os resultados encontrados foram: negativas pré-verbais (324/69,6%), negativas duplas (131/28,2%) e negativas pós-verbais (10/2,2%) e de 9 a 11 anos: negativas pré-verbais (292/77,2%), negativas duplas (83/22%) e negativas pós-verbais (3/0,8%). Aqui, pode-se observar que as variantes inovadoras foram utilizadas pelos falantes com menor escolaridade, um fato já observado por Labov em suas pesquisas. A conclusão de Nunes (2014) foi a de que a variante canônica é a mais utilizada na amostra analisada. Isso nos permite afirmar que aquela região denota ser mais conservadora no uso das sentenças negativas.

Nascimento (2014) escolheu o município de Vitória/ES para realizar um estudo acerca das negativas. A autora investigou como os fatores testados influenciavam no uso de uma ou outra variante, tomando por base o PortVix. No total, 18 falantes foram entrevistados, chegando ao total de 2263 de estruturas de construções negativas, distribuídas da seguinte maneira: negativas pré-verbais (1751/77,4%), negativas duplas (478/21,1%) e negativas pós-verbais (34/1,5%).

A autora realizou três rodadas: negativa pré-verbal *versus* dupla negativa + negativa pós-verbal; dupla negativa *versus* negação pré-verbal + negativa pós-verbal e, por último, negação pós-verbal *versus* dupla negação + negação pré-verbal. As variáveis selecionadas como relevantes nestas três rodadas foram: *tipo de sequência discursiva, ausência ou presença de marcadores conversacionais, ausência ou presença de reforço negativo, tipo de oração, status informacional do discurso e gênero/sexo*.



Fazendo um panorama do que vimos, nesta seção, percebemos que os fatores internos atuam fortemente no condicionamento das variantes, principalmente, o *tipo de oração, tipo de sujeito e tempo verbal* e, quanto às variáveis extralinguísticas, vimos que o *corpus* será determinante para a seleção de um ou outro fator. Observamos também que há uma tendência entre os estudos de realizarem análises em torno das variantes que classificamos como inovadoras, a fim de encontrar respostas às questões que as envolvem. Outro ponto que pudemos constatar foi a aparição da partícula negativa *num* e o efeito que ela tem, principalmente, no uso das negativas duplas.

Pesquisas como as de Seixas, Alkmim e Chaves (2004), Reimann e Yacovenco (2012) e Santana e Nascimento (2011) são as que mais se aproximam deste estudo, visto que os autores escolheram trabalhar com as variantes inovadoras apresentadas no início desse artigo. Já o estudo de Roncarati (1997) analisou dados na comunidade de fala de Fortaleza, porém adotou a perspectiva, predominantemente, funcionalista. Alkmim (2001) estudou outras estruturas, além das variantes que também escolhemos para a nossa pesquisa, ampliando o leque de investigação sobre as negativas.

Souza e Lucchesi (2004), assim como Nunes (2004), levaram em consideração a construção *num* e investigaram quais os contextos favorecedores dessa ocorrência. Rocha (2013) pesquisou sobre as negativas, mas focou apenas nas negativas duplas. Soares (2009) estudou os dialetos cearense e cariocas e as influências que um poderia sofrer do outro. Por fim, Nascimento (2014) investigou as três construções negativas, porém preferiu analisar a *negativa dupla* e *negativa pós-verbal* como se fossem uma variante única.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando a observação da linguagem em uso, a amostra analisada neste trabalho foi retirada do NORPOFOR, *corpus* de linguagem falada construído com o apoio da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e sob a coordenação da professora Dra. Aluíza Alves de Araújo. A construção do NORPOFOR contou ainda com a contribuição do professor Kilpatrick Müller Campelo, na época, professor substituto da UECE e dos alunos da graduação do curso de Letras da UECE (ARAÚJO, 2011).

Diante da inexistência de um banco de dados representativo do falar popular da capital cearense e que controlasse as variáveis extralinguísticas, como *sexo*<sup>6</sup>, *faixa etária* e *escolaridade*, viu-se a necessidade de criação do NORPOFOR. Esse projeto segue todos os preceitos da Sociolinguística Variacionista, oferecendo um retrato fiel da linguagem falada coletada na comunidade de fala de Fortaleza – CE.

Quanto ao perfil dos 198 falantes que compõem o NORPOFOR, Araújo (2011) esclarece que todos são sujeitos nascidos e criados em Fortaleza ou que, no máximo, com cinco anos de idade, vieram morar na capital cearense. Com o intuito de evitar interferências de outros falares, esses informantes foram selecionados também de

acordo com o tempo em que passaram fora da cidade, que não poderia ser superior a dois anos consecutivos. Todos eles possuem pais cearenses e, no período em que foram realizadas as gravações, eles moravam em Fortaleza (ARAÚJO, 2011).

No que diz respeito às entrevistas sociolinguísticas, o projeto NORPOFOR é constituído por três tipos de inquéritos: Diálogo entre Informante e Documentador (DID); Diálogo entre Dois informantes (D2) e Elocuções Formais (EF). Conforme Araújo (2011), os informantes estão distribuídos de acordo com a *faixa etária*, o *sexo*, a *escolaridade* e o *tipo de registro*. Diante do que o NORPOFOR nos oferece, montamos uma amostra que abarcasse todos os perfis e sujeitos advindos de bairros pertencentes a todas as regionais de Fortaleza.

Para esta investigação, fizemos um recorte na amostra geral do NORPOFOR para compor a amostra de fala analisada aqui. Desse modo, selecionamos 53 informantes, estratificados segundo o *sexo* (masculino e feminino), a *escolaridade* (0 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos) e a *faixa etária* (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir de 50 anos). Dos três tipos de inquéritos disponíveis no NORPOFOR, optamos por trabalhar apenas com o D2. Esse recorte metodológico justifica-se por acreditarmos que nele encontramos um comportamento linguístico mais espontâneo por parte dos informantes. Afinal, os diálogos do tipo D2 são estabelecidos por pessoas que tenham grau de parentesco entre si ou que sejam amigas de longa data, sem a interferência do documentador.

Para realizarmos o levantamento de dados, inicialmente, lemos as transcrições, ao mesmo tempo que fazíamos a audição de cada uma delas, a fim de selecionar apenas os inquéritos em que as *negativas duplas* e *pós-verbais* apareciam com um número mais significativo. Isso também nos permitiu conferir se, de fato, as transcrições estavam de acordo com os áudios que escutávamos, visto que é possível o transcritor se equivocar nessa atividade, principalmente, em relação ao nosso fenômeno, pois transcrever *num* ao invés de *não*, ou o inverso, seria perfeitamente possível, mas prejudicial à nossa análise. Após a audição (e correção) de todas as transcrições, o próximo passo foi a coleta de dados e a definição do envelope de variação.

Com base na revisão da literatura, testamos as seguintes variáveis linguísticas: **a)** *tipo de oração* (absolutas, coordenadas e subordinadas); **b)** *estrutura do verbo* (simples e perífrase verbal); **c)** *tipo de verbo* (ação/movimento/processo/evento, cognitivos e estativos); **d)** *tempo verbal* (presente, passado e futuro); **e)** *tipo de sujeito* (explícito, implícito e inexistente); **f)** *tipo de frase* (resposta, pergunta e apresenta-se no encadeamento do discurso) e **g)** *outros termos negativos* (nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada). As variáveis extralinguísticas controladas neste trabalho foram: **a)** *sexo* (masculino e feminino); **b)** *faixa etária* (15 a 29 anos, 26 a 49 anos e 50 ou mais) e **c)** *escolaridade* (0 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos). Após a seleção dessas variáveis, partimos para a codificação dos fatores.

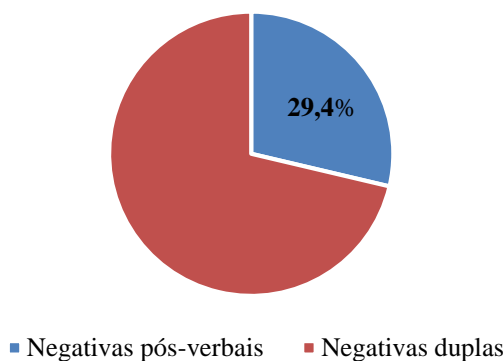
Após a codificação de cada um dos fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados para observação, os dados selecionados foram submetidos ao *software*

GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005), que é a versão mais atual do VARBRUL.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Submetidos os dados ao GoldVarb X, encontramos 725 ocorrências do fenômeno estudado para a análise, sendo que 29,4% correspondem às negativas *pós-verbais* (213/725) e 70,6% às *negativas duplas* (512/725). Para uma melhor apreensão desses resultados, vejamos o gráfico 1:

**Gráfico 1- Percentuais obtidos para a *negativa pós-verbal* e a *negativa dupla***



Fonte: elaborado pelas autoras.

Os resultados obtidos para o uso das variantes observadas neste trabalho se assemelham aos encontrados no estudo de Reimman e Yacovenco (2012) que descreveram as construções negativas sentenciais do português falado em Vitória (ES). Após a submissão dos dados ao Goldvarb X, as autoras chegaram aos seguintes resultados: 216 dados para a dupla negação e 42 para a pós-verbal. Também corroboraram com os nossos números, os resultados encontrados na pesquisa de Nunes (2014) que estudou a variação linguística na estrutura de negação utilizada por falantes do Rio de Janeiro. A autora obteve os seguintes resultados: 214 ocorrências de negativas duplas e 13 ocorrências de negativas pós-verbais, confirmando mais uma vez, a diferença significativa entre o uso de uma e outra variante.

O melhor *step up* selecionado, para este trabalho, foi o de número 47 (*Input* 0.273, *Log likelihood*=-403.704 e *Significance*= 0.021). Das 10 variáveis controladas por nós, sete foram selecionadas como relevantes para a realização das negativas *pós-verbais*, a saber, e por ordem de relevância: *tipo de sujeito*, *tipo de oração*, *outros termos negativos*, *tipo de frase*, *sexo*, *escolaridade* e *estrutura do verbo*. As variáveis não selecionadas foram o *tempo verbal*, *tipo de verbo* e *faixa etária*. Na sequência,

apresentamos, detalhadamente e, por ordem de seleção, os resultados obtidos para cada variável selecionada.

a) Tipo de sujeito

**Tabela 01 - Atuação da variável tipo de sujeito sobre as negativas pós-verbais**

Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<b>Inexistente</b>	19/49	38.8	0.65
<b>Implícito</b>	99/263	37.6	0.61
<b>Explícito</b>	213/725	29.4	0.41

Fonte: elaborado pelas autoras.

Primeira variável linguística selecionada pelo programa GoldVarb X, o *tipo de sujeito* mostra que os contextos de sujeito *inexistente* (0.65) e *implícito* (0.61) são aliados à aplicação da regra, já o sujeito *explícito* aparece como inibidor do uso das negativas pós-verbais (0.41).

Para essa variável, esperávamos que o *sujeito explícito* ocorreria, em sua maioria, nas sentenças com negativas duplas pelo fato de o falante, além de preencher com o segundo *não* na sentença, preenche também o sujeito. Observemos algumas ocorrências, presentes na nossa amostra, de sentenças negativas com sujeitos *explícitos*, *inexistentes* e *implícitos*, respectivamente:

(4) ela tinha potencial pra ter ganho não (Inq. 118)

(5) havia muita gente não... mulher (Inq. 122)

(6) vi não senhora (Inq. 125)

b) Tipo de oração

**Tabela 02 - Atuação da variável tipo de oração sobre as negativas pós-verbais**

Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<b>Subordinada</b>	119/334	46.1	0.59
<b>Coordenada</b>	15/45	33.3	0.55
<b>Absoluta</b>	79/346	22.8	0.40

Fonte: elaborado pelas autoras.

O tipo de oração, segunda variável linguística selecionada pelo programa, comporta três fatores: *subordinada*, *coordenada* e *absoluta*. Dois desses fatores se mostram aliados das negativas pós-verbais, a saber: as orações *subordinadas* (0.59) e orações *coordenadas* (0.55). Já as orações *absolutas* (0.40) não se mostram favorecedoras da aplicação da regra. Segundo a tabela 02, os dados de orações coordenadas foram apenas 15 e são listados a seguir:

- 04) (7) aguardando vaga para ir de manhã e quando chega lá tem não (Inq. 14)
- (8) ele diz não e ele só diz assim (Inq. 14)
- (9) o outro pegou e também falou não (Inq. 35)
- (10) aí o I. pegou e disse não macho... (Inq. 35)
- (11) tá não porque tá na Itália (Inq. 49)
- (12) sou igual a M. não nem sou igual meu pai (Inq. 50)
- (13) vou não pois tá incompleto (Inq. 50)
- não (14) eu queria mesmo assim sabe impregnar nela e tal que eu queria porque eu quero (Inq.72)
- (15) desenhar na roupa e o cara cortar não... (Inq. 72)
- (16) ele comprou uma coisa e tu vai pagar com a outra não? (Inq. 101)
- (17) ou ele vai ou ele vai não (Inq. 141)
- (18) vamo embora porque aqui fico não (Inq. 141)
- (19) hoje pode não mas amanhã pode (Inq. 141)
- (20) pra mim da mas pra ele dá não (Inq. 152)
- (21) aqui tenho não mas lá em casa tenho (Inq. 152)

Conforme vemos na tabela 02, os dados mostram que nossa hipótese não se confirmou, visto que acreditávamos que as negativas pós-verbais aconteceriam em contexto de orações coordenadas. Sintaticamente falando, as orações subordinadas possuem estruturas mais complexas do que as absolutas e coordenadas, o que pode fazer com que o falante use a estrutura pós-verbal por ser a que melhor se encaixa nessa estrutura frasal.

## c) Outros termos negativos

**Tabela 03 - Atuação da variável outros termos negativos sobre as negativas pós-verbais**

Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<b>Presença</b>	19/42	45.2	0.70
<b>Ausência</b>	194/683	28.4	0.48

Fonte: elaborado pelas autoras.

A terceira variável linguística selecionada foi *outros termos negativos*, cujos dados são expressos na tabela 03. Com essa variável, constatamos que a *presença* (ela sabe de nada não (Inq. 155)) desses termos privilegia o uso das negativas pós-verbais de uma maneira bastante expressiva (0.70). Já a *ausência* (foi não::o esse é teu ordenado é porque eu acho que veio a mais (Inq.129)) desses termos inibe o uso da regra em estudo (0.48).

A esse respeito, Alkmim (2001) acredita que existe uma concordância negativa, em que a partícula *não*, ocorrendo juntamente com outro termo negativo, entra em concordância formando, assim, uma única sentença de negação. Sentenças como *tem nada não* (Inq. 04) ou *tem coisa nenhuma não* (Inq.35) foram comuns na amostra e mostram que os termos grifados, bem como outros termos com o mesmo sentido, possuem papel sintático semelhante à partícula *não* e mostram a efetivação da concordância a que Alkmim (2001) se refere.

## d) Tipo de frase

**Tabela 04 - Atuação da variável tipo de frase sobre as negativas pós-verbais**

Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<b>Resposta</b>	12/23	52.2	0.73
<b>Pergunta</b>	22/58	37.9	0.60
<b>Encadeamento do discurso</b>	179/664	27.8	0.48

Fonte: elaborado pelas autoras.

A quarta variável linguística selecionada pelo programa foi o tipo de frase. Observando a tabela 04, vemos que os contextos de *respostas* e *perguntas* favorecem o uso das negativas pós-verbais, apresentando pesos relativos de 0.73 e 0.60, respectivamente. Os dados ainda apontam que o *encadeamento do discurso* inibe a realização das negativas pós-verbais. No que tange aos poucos dados encontrados para o fator *respostas*, listamos, a seguir, todas as ocorrências encontradas em nossa amostra:

(22) eu acho que vamos ficar juntos não (Inq. 04)

- (23) você tem que saber dizer isso não (Inq. 04)  
 (24) eu tava no culto não (Inq. 14)  
 (25) sei não (Inq. 49)  
 (26) é não... é um por pessoa (Inq. 49)  
 (27) vou não... tá incompleto (Inq. 50)  
 (28) tá não N... (Inq. 50)  
 (29) é não é que faz duas semanas (Inq. 51)  
 (30) ele comprou uma coisa e tu vai pagar não (Inq. 101)  
 (31) é não senhor é de Pacatuba (Inq. 156)  
 (32) vai não (Inq. 160)  
 (33) ele é rico não mulher (Inq. 160)

Ocorrências como em 25, 28 e 30 mostram que as respostas às perguntas são curtas, sem a necessidade de muitas explicações e a estrutura negativa que mais se adequa a esse modelo é a negativa pós-verbal.

#### e) Sexo

**Tabela 05 - Atuação da variável sexo sobre as negativas *pós-verbais***

Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<b>Homem</b>	105/301	34.9	0.57
<b>Mulher</b>	108/424	35.5	0.44

Fonte: elaborado pelas autoras.

Primeira variável extralinguística selecionada na rodada, o *sexo* indica que os *homens* favorecem o uso das negativas *pós-verbais* (0.57), ao passo que as *mulheres* a inibem (0.44). Isso indica que os *homens* podem ser os maiores responsáveis, na comunidade de Fortaleza, pelo uso corrente da negativa *pós-verbal*. Diante dos resultados apresentados na tabela 05, refutamos a nossa hipótese inicial de que a escolaridade é a variável extralinguística mais importante na aplicação da regra, ou seja, para este estudo, o *sexo* se mostrou mais relevante no uso das negativas *pós-verbais*.

f) Escolaridade

**Tabela 06 - Atuação da variável escolaridade sobre as negativas pós-verbais**

Fatores	Aplica./Total	%	P.R.
<b>9 a 11 anos</b>	85/248	34.3	0.58
<b>5 a 8 anos</b>	72/271	26.6	0.48
<b>0 a 4 anos</b>	56/206	27.2	0.41

Fonte: elaborado pelas autoras.

Sexta variável selecionada, segundo a relevância, a *escolaridade* foi a segunda variável extralinguística que se mostrou pertinente para este estudo. Como revela a tabela 6, os falantes com 9 a 11 anos de escolaridade favorecem o uso das negativas *pós-verbais* (0.58). Por outro lado, as escolaridades mais baixas, 5 a 8 anos (0,48) e 0 a 4 anos (0,41), não privilegiam o uso da regra em questão.

É bom frisar que o fenômeno em estudo não tem sido estigmatizado, já que não há uma variante específica que seja valorada como inferior pelos membros da comunidade de fala estudada. Portanto, o uso das negativas *pós-verbais* pode ser feito por pessoas que tiveram ou não muito acesso à escola, sem que com isso sejam alvos de preconceito linguístico, o que pode justificar o uso da variante inovadora entre informantes mais escolarizados.

e) Estrutura do verbo

**Tabela 07- Atuação da variável estrutura de verbo sobre as negativas pós-verbais**

Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<b>Simplex</b>	197/642	30.7	0.51
<b>Perífrase Verbal</b>	16/83	19.3	0.35

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quinto e último grupo selecionado para este estudo, a variável linguística *estrutura de verbo* mostra que, em contexto *simplex*, ou seja, em que o verbo é um só, há o favorecimento do uso das negativas *pós-verbais*, embora esteja bem próximo ao ponto neutro (0.51). Já a *perífrase verbal* não favorece (0.35) a aplicação da regra. Vejamos algumas ocorrências que mostram estruturas dos verbos *simplex* e *perífrases verbais*, respectivamente:

(34) vá embora não rapaz (Inq. 04)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o uso das negativas sentenciais no falar popular de Fortaleza. De modo mais preciso, observamos a realização das variantes inovadoras, isto é:

(NEG2) Negação dupla (NEG + V + NEG)

(NEG3) Negação pós-verbal (V+NEG)

No âmbito da literatura disponível acerca do fenômeno, acredita-se que, entre as variantes inovadoras, o segundo operador de negação da negativa dupla pode servir para enfatizar a negação que já foi realizada anteriormente no enunciado. Já as explicações para a construção pós-verbal, giram em torno de que os falantes optam por serem mais breves, mais incisivos ao negar algo ou alguém e optam pela construção mais simples disponível.

Em relação às variantes inovadoras, as hipóteses dos trabalhos de Souza e Lucchesi (2004), Santana e Nascimento (2011), Seixas, Alkmim e Chaves (2012), Reimann e Yacovenco (2012), Rocha (2013), Nunes (2014) e Nascimento (2014) acerca do fenômeno verificaram que as negativas duplas ocorrem em grande quantidade e nosso trabalho não refutou essa hipótese. Ressaltamos que o número dessas ocorrências talvez não tenha sido maior pelo fato de não analisarmos construções do tipo “*num* vá varrer a casa não” (Inq. 101) em que o primeiro operador de negação sofre alterações fonético-fonológicas. Ocorrências como essas, foram encontradas em grande quantidade, porém observá-las desviaria o foco inicial do nosso trabalho que foi analisar o uso das duas construções escolhidas no mesmo contexto com o mesmo valor referencial. No entanto, a observação de construções com o ‘num’ abre espaço para a realização de um trabalho futuro.

Vimos também que a atuação das variáveis sociais sobre o fenômeno é discreta e que isso pode ser devido ao fato de termos poucos estudos que se dedicaram a pesquisar, por exemplo, o surgimento das variantes inovadoras e quais, de fato, seriam os prováveis condicionamentos externos que atuariam mais fortemente sobre essas construções.

Além disso, destacamos o não aparecimento da variável extralinguística faixa etária dentre as variáveis relevantes para o fenômeno em nossa amostra nos levando a crer que, nesse caso, as diferenciações de idades não influenciam no uso das variantes inovadoras. É válido destacar que a maioria dos estudos mencionados

acerca do fenômeno também mostra que a faixa etária pouco ou nunca aparece entre as variáveis relevantes.

De maneira geral, a partir deste estudo sobre as negativas inovadoras, contribuimos para as discussões que envolvem o fenômeno na perspectiva variacionista e acreditamos que essa pesquisa poderá ser retomada em um futuro não só por aqueles que desejam entender mais sobre o fenômeno, mas pelos que, de certa maneira, queiram conhecer mais sobre a própria comunidade de fala, no que tange o uso das negativas, e os que desejam aprofundar suas questões a partir do ponto de vista variacionista.

## Notas

- 1 Legenda: Neg. (Negativa). V. (Verbo).
- 2 Todas as ocorrências que citamos neste artigo foram retiradas de nossa amostra.
- 3 Teceremos mais considerações acerca do NORPOFOR na seção dedicada aos procedimentos metodológicos deste estudo.
- 4 Os termos gênero e sexo são usados em conformidade com os estudos originais.
- 5 Esses valores dizem respeito aos chamados pesos relativos.
- 6 Neste estudo, a variável sexo é trabalhada do ponto de vista biológico, ou seja, com base na distinção entre homem e mulher.

---

## Referências

---

- ALKMIM, Mônica Guiero Ramalho de. **As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista**. 2001. 260 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- ARAÚJO, Aluiza Alves. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In:
- XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: RJ, 2011. v. XV. p. 835-845. Disponível em <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/72.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- FISCHER, J. **Social influences on the choice of a linguistic variant**. EUA, jan, 1958. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/fischer1958.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 16.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP: Parábola Editorial, [1972], 2008.
- NASCIMENTO, Cristiana Aparecida Reimann do. **A negação no português falado em Vitória/ES**. 2014. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo,

2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1465/1/A%20nega%C3%A7%C3%A3o%20no%20portugu%C3%AAs%20falado%20em%20Vit%C3%B3ria-ES.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2015.

NUNES, Eliziane Sebastiana de Oliveira. A negação no português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em *corpus*. **Revista eletrônica UFTM**, nº1, Rio de Janeiro, 2014, p.1-19. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/455>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

REIMANN, Cristiana Aparecida; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A dupla negação no português falado em Vitória/ES: traço da identidade linguística Capixaba? **Anais... Cadernos do I CONEL**. Vitória: CONEL, v.5, p.33-37, 2011. Disponível em: [periodicos.ufes.br › Capa › I CONEL › Reimann](http://periodicos.ufes.br/Capa/I%20CONEL/Reimann). Acesso em: 17 out. 2015.

ROCHA, Rafael Stoppa. **A negação dupla do português paulistano**. 2013. 97f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../2013\\_RafaelStoppaRocha\\_VCorr.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../2013_RafaelStoppaRocha_VCorr.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2016.

RONCARATI, Cláudia. Ciclos aquisitivos da negação. In: RONCARATI, Cláudia. MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.) **Variação e aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1997, p. 100-115.

SANKOFF, David; TANGLIAMONTE, Sale; SMITH, Eric. **GoldVarb**: a variable rule application for Macintosh. 1990. Department of Linguistic, University of Toronto, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> Acesso em: 28 nov. 2015.

SANTANA, Jan Carlos Dias de; NASCIMENTO, Priscila Brasileiro Silva do. A negação no português falado da Matinha/BA: um estudo sociolinguístico. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Bahia, set, 2011, p 1-7,. Disponível em: <[http://www.letramagna.com/art2\\_xiv.pdf](http://www.letramagna.com/art2_xiv.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2015.

SEIXAS, Vivian Canella; ALKMIM, Mônica Guieiro Ramalho de; CHAVES, Elaine. Construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, Estado de Minas Gerais: uma análise Variacionista. **Revista Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, jul. 2012, p.269-276. Disponível em: <[periodicos.uem.br](http://periodicos.uem.br/v.34.n.2(2012)Seixas)> v. 34, n. 2 (2012) › Seixas>. Acesso em: 01 out. 2015

SOARES, Viviane dos Ramos. **A negação no contato entre dialetos**. 2009. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/wp-content/uploads/2013/03/viviane-ramos-soares.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

SOUZA, Arivaldo Sacramento de; LUCCHESI, Dante. Estruturas de negação em uma comunidade rural Afro-brasileiro- Helvécia-BA. **Revista Científica Semestral do Instituto de Letras**. Salvador, ago, 2004, p.1-7. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKE>>. Acesso em: 01 out. 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP: Parábola Editorial, [1968], 2006.

WIEDEMER, Marcos Luiz. As faces da comunidade de fala. **Linguagens** - Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, jan, 2008, p.21-35. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/viewFile/810/865>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

---

### Para citar este artigo

---

SANTOS, Jéssica Coêlho Franklin dos; Araújo, Aluiza Alves de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. As negativas pós-verbais e as negativas duplas no falar de Fortaleza-CE: uma filosofia sociolinguística. Macabéa – **Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 1., JAN-JUN, 2018, p. 288-307.

---

### As Autoras

---

**Jéssica Coêlho Franklin dos Santos** é mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras pela UECE. Atua na área de Letras com ênfase em Linguística e sociolinguística variacionista..

**Aluiza Alves de Araújo** é professora doutora do curso de graduação em Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Atua na área de Letras com ênfase em Linguística, sociolinguística variacionista e dialetologia..

**Maria Lidiane de Sousa Pereira** é doutoranda e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri. Atua na área de linguística com ênfase em Linguística, Sociolinguística Variacionista e Língua Portuguesa.